



Caça à Narrativa Oculta: Experiências de Educação Museal no Ensino Médio a partir do PIBID de História

Otávio Costa Fuly¹

RESUMO

O presente trabalho pretende relatar uma experiência de educação museal desenvolvida no âmbito do PIBID de História junto a estudantes das primeiras séries do ensino médio do Colégio de Aplicação (CAp-Coluni) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Trata-se de um conjunto de atividades realizadas com o intuito de estimular o debate e construir conhecimento sobre educação museal e memória, campos importantes ao ensino de História, mas que nem sempre são abordados em sala de aula ou nos livros didáticos. Para tanto, um “Pibidiano” preparou e ministrou uma aula expositiva na qual foram discutidos conceitos centrais, como os da relação entre memória e história, e a produção de narrativas pelos espaços museais. A intenção era fazer com que os alunos conseguissem compreender de forma crítica as principais questões que envolvem um museu. Em um segundo momento, os alunos, divididos em grupos, foram levados para uma aula de campo no Museu Histórico e Pinacoteca da UFV, onde receberam uma visita mediada, na qual foram estimulados a refletir sobre quais eram e como eram contadas as histórias naquela instituição. A última etapa do trabalho envolveu uma tarefa chamada “Caça à narrativa oculta”, na qual eles tiveram que debater e responder, em grupos de três pessoas, perguntas sobre as narrativas presentes e ausentes no museu. Além disso, tiveram que resolver, na avaliação escrita bimestral, duas questões sobre o tema. Observou-se, a partir das respostas dos estudantes, indicações que eles gostaram da atividade, que conseguiram identificar e pensar criticamente sobre os personagens históricos expostos na narrativa do Museu, bem como aqueles que não aparecem em sua exposição. Para além de ter contribuído para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio, a atividade foi importante para a formação docente do graduando /pibidiano, de outros estagiários da licenciatura em história e da docente do Coluni.

Palavras-chave: Educação Museal, Ensino de História, Memória.

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa - UFV, otaviofuly@gmail.com





INTRODUÇÃO

Este relato apresenta uma experiência desenvolvida no âmbito do PIBID de História da UFV, em parceria com o Colégio de Aplicação (CAp-Coluni/UFV), com o objetivo de proporcionar aos estudantes da primeira série do ensino médio um contato ativo com a educação museal, aproximando teoria e prática e articulando a formação inicial de professores ao cotidiano escolar. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, tem por objetivo promover a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar, aproximando teoria e prática desde a formação inicial (BRASIL, 2007).

Nesse contexto, o projeto “Caça à narrativa oculta” consiste em um conjunto de perguntas que visam provocar a observação/interação dos estudantes com o espaço do museu, a respeito sobretudo dos sujeitos históricos que não aparecem na expografia do espaço. Essa atividade foi elaborada para os estudantes da 1ª série do CAp Coluni a partir de experiências obtidas ao longo da minha experiência como estagiário no Museu Histórico e Pinacoteca da UFV. Assim, o trabalho insere-se como fomentador de ações no campo do ensino de história na Universidade Federal de Viçosa (UFV), buscando articular experiências de educação museal ao ensino básico. Essa proposta reconhece que o museu pode ser um espaço privilegiado de construção do conhecimento histórico, especialmente quando mobilizado como campo de diálogo entre memória, identidade e representações do passado.

Em um contexto no qual as discussões sobre memória e representatividade ganham centralidade no debate público, pensar o museu como espaço educativo torna-se ainda mais relevante. Conforme a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), “a educação museal é compreendida como um processo contínuo e permanente, voltado para a construção de valores, conhecimentos e práticas sociais” (BRASIL, 2017, p. 14). Assim, a atividade “Caça à narrativa oculta” dialoga diretamente com os princípios da PNEM ao promover uma aprendizagem crítica e participativa no espaço museal. A relação entre História, memória e museus tem se consolidado como um campo fértil para a reflexão historiográfica e pedagógica, pois os museus não somente preservam objetos, mas constroem narrativas que selecionam, legitimam e silenciam determinados sujeitos e acontecimentos. Como observa Pollak (1989, p. 5), o “não-dito” é parte essencial da construção da memória coletiva, e reconhecer esses silêncios é um exercício de leitura crítica das narrativas institucionais.





Nesse sentido, compreender o museu como espaço de disputa de memórias implica reconhecer que toda narrativa é fruto de escolhas culturais e políticas. Halbwachs (2006, p. 71) entende que “a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados do presente”, reforçando o caráter social e dinâmico da memória. Do mesmo modo, Nora (1993, p. 13) argumenta que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea”, revelando que os museus são espaços construídos para conservar e materializar memórias selecionadas. Nesse cenário, o ensino de História desempenha um papel fundamental: como afirma Bittencourt (2018, p. 21), “ensinar História é mais do que transmitir informações sobre o passado; é possibilitar ao aluno compreender os processos históricos e situar-se como sujeito nesse processo”. Assim, o projeto “Caça à narrativa oculta” busca estimular o protagonismo dos estudantes na leitura e interpretação crítica das narrativas museais.

Então, trabalhar essa dimensão crítica com estudantes do ensino médio contribui para ampliar a compreensão sobre o papel social dos museus e para formar sujeitos capazes de questionar as representações oficiais do passado. O ensino de História, conforme reforça Bittencourt (2018, p. 78), deve problematizar as diferentes versões do passado e promover a reflexão sobre a multiplicidade de memórias.

Como observa Ricoeur (2007, p. 32), “a memória é sempre uma reconstrução orientada pelo presente”, o que reforça a necessidade de promover uma leitura crítica das narrativas museais, compreendendo-as como interpretações situadas e não como verdades absolutas. Essa proposta também se alinha à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe o desenvolvimento da “capacidade de analisar, interpretar e posicionar-se criticamente frente às narrativas sobre o passado e suas representações” (BRASIL, 2018, p. 398), fortalecendo, assim, o compromisso do ensino de História com a formação crítica e cidadã. Diante dessas reflexões teóricas, a experiência relatada neste trabalho busca demonstrar, na prática, como a educação museal pode contribuir para o ensino de História e para a formação crítica dos estudantes.





METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi de natureza qualitativa e participativa, inspirada nos princípios da educação freireana e na perspectiva da educação museal crítica. No âmbito da primeira inspiração, esta proposta parte do entendimento de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Nessa perspectiva, o papel do educador — seja o professor em sala de aula ou o educador museal — é o de mediador de saberes, alguém que promove o diálogo entre sujeitos, experiências e contextos. O processo de ensino-aprendizagem, portanto, é compreendido como um movimento coletivo e dialógico, em que tanto o educador quanto o educando se constituem mutuamente. Assim, a metodologia adotada na atividade “Caça à narrativa oculta” buscou articular prática, reflexão e construção compartilhada do conhecimento histórico.

A experiência foi organizada em três etapas complementares e interdependentes, concebidas para estimular a autonomia intelectual e o protagonismo dos estudantes. A primeira delas foi a aula expositiva dialogada, ministrada por um bolsista do PIBID (“pibidiano”), autor do presente relato de experiência, na qual foram discutidos conceitos como memória, história, narrativa e representação museal. Essa etapa introdutória teve o objetivo de oferecer aos alunos instrumentos teóricos para a análise crítica das exposições museológicas, preparando-os para a atividade de campo. Como destaca Fonseca (2003, p. 29), “a prática de ensino de História é um espaço de reflexão crítica sobre a própria disciplina, sobre o conhecimento histórico e sobre o papel do professor”. Assim, a aula inicial foi pensada não apenas como momento de transmissão de conteúdos, mas como um espaço de problematização e construção conjunta do saber histórico, em consonância com os princípios de uma educação emancipadora.

A segunda etapa consistiu na visita mediada ao Museu Histórico e Pinacoteca da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Os 160 estudantes foram divididos em grupos de 20 pessoas e convidados a observar criticamente as exposições, identificando as escolhas narrativas do museu, os silenciamentos e as ausências. A mediação foi orientada pela concepção de Cury (2001, p. 12), segundo a qual “a mediação é o processo comunicativo que transforma a visita ao museu em experiência de aprendizagem”.





Desse modo, a proposta buscou que os alunos se tornassem sujeitos ativos da interpretação museal, e não meros espectadores. Conforme Bruno (2010, p. 45), o museu deve ser compreendido como “um campo de mediações culturais, onde o conhecimento se constrói na relação entre sujeitos, objetos e contextos”. Essa perspectiva dialógica permitiu que a visita se configurasse como uma prática de educação museal crítica, capaz de revelar como os museus são espaços de poder, disputa de memórias e construção de narrativas.

Por fim, na terceira etapa, desenvolveu-se a atividade “Caça à narrativa oculta”, momento em que os estudantes, reunidos em grupos menores de três pessoas, responderam a questões voltadas à identificação de personagens, temas ou acontecimentos ausentes das exposições, relacionando-os às narrativas efetivamente apresentadas pelo museu. A proposta incentivou o debate e a construção de interpretações plurais, valorizando as vozes silenciadas pela história oficial.

A reflexão realizada durante essa atividade foi posteriormente retomada na avaliação bimestral, que incluiu duas questões específicas sobre o tema, reforçando a articulação entre teoria, prática e avaliação crítica. Dessa forma, a metodologia aplicada buscou concretizar, no espaço escolar e museal, os princípios da educação libertadora e participativa, pautada no diálogo, na escuta e na problematização das memórias. Mais do que descrever uma sequência didática, a proposta metodológica buscou tensionar os modos de produção da memória nos espaços museais e promover uma aprendizagem histórica voltada à cidadania e à consciência crítica. Abaixo segue uma figura que representa as questões utilizadas na terceira parte do projeto como atividade avaliativo-crítica para os estudantes.



FIGURA 1

Caça à Narrativa Oculta

- 1) Qual é a principal narrativa que o Museu Histórico e Pinacoteca da UFRV conta?
- 2) Quais personagens ou grupos estão representados? Quais estão ausentes?
- 3) Há espaço para a história das mulheres, dos estudantes, dos trabalhadores?
- 4) O que este espaço escolheu lembrar? O que foi esquecido?
- 5) O que vocês acharam da visita neste espaço museológico? (Resposta individual)

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente relato dialoga com a literatura sobre educação museal e ensino de História, campos que compreendem o museu não apenas como espaço de preservação de objetos, mas como produtor de narrativas e de memória social (MENESES, 1994; CHAGAS, 2003). Essa concepção rompe com a visão tradicional de museu como depósito do passado e o reposiciona como espaço de mediação cultural, onde as memórias são selecionadas, interpretadas e comunicadas. Assim, o museu assume papel ativo na construção de significados e na formação de sujeitos históricos, sendo um território de disputa simbólica entre lembranças e esquecimentos.

Nessa perspectiva, destaca-se a contribuição de Pierre Nora (1993) e Michael Pollak (1989). Nora propõe a noção de lugares de memória, espaços materiais e simbólicos criados para conservar o que o tempo tende a apagar. Segundo o autor, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea” (NORA, 1993, p. 13), evidenciando o caráter intencional da preservação e da narrativa histórica. Pollak, por sua vez, ressalta que a memória é sempre atravessada por disputas, silenciamentos e resistências. Para ele, o “não-





dito” e o esquecimento também fazem parte do processo de construção da memória coletiva (POLLAK, 1989). Essas reflexões ajudam a compreender como as exposições museológicas produzem versões do passado, legitimando determinadas identidades e marginalizando outras. Assim, as reflexões de Nora e Pollak não apenas fundamentam a análise das narrativas museais, mas orientam a prática pedagógica do projeto “Caça à narrativa oculta”, ao incentivar os estudantes a reconhecer e problematizar os silenciamentos presentes nas exposições.

A discussão teórica também se apoia nos estudos de Mário Chagas e Maria Célia Santos, que abordam o papel do museu como espaço educativo e comunicativo. Chagas (2003) propõe compreender o museu como um “território de memórias em conflito”, no qual se expressam diferentes vozes e temporalidades. Nessa linha, Santos (2014, p. 33) afirma que “a educação museal amplia o campo da aprendizagem e promove o diálogo entre saberes escolares e sociais”.

Ambas as perspectivas ressaltam o caráter dialógico e participativo da educação museal, em que o visitante deixa de ser um receptor passivo e passa a ser sujeito da construção do conhecimento histórico. Tal abordagem fortalece a articulação entre o ensino formal e as práticas educativas não formais, aproximando escola e museu como espaços complementares de formação cidadã.

A narrativa institucional do Museu Histórico e Pinacoteca revela, ainda que de forma sutil, os limites de uma memória oficial centrada em valores de prestígio, erudição e identidade nacional homogênea. Ao privilegiar determinados agentes históricos — elites políticas, intelectuais e artísticas — essas instituições silenciam ou marginalizam experiências populares, indígenas, afrodescendentes e de outras camadas subalternas da sociedade. Trata-se de uma lógica de seleção e legitimação que transforma o espaço museal em território de poder simbólico, onde se decide o que merece ser lembrado e o que deve permanecer esquecido. Como observa Michel de Certeau (1982), a escrita da história é sempre um ato de ordenação que produz exclusões. Assim, problematizar a narrativa museológica implica reconhecer que a memória ali apresentada é construída sob condições sociais e políticas específicas, exigindo leituras críticas capazes de reinscrever outras vozes e sensibilidades no patrimônio cultural.





A reflexão sobre o museu também se insere no campo da história cultural, conforme as contribuições de Roger Chartier (1990) e Sandra Pesavento (2003). Chartier (1990, p. 17) destaca que “as representações do mundo social não são simples reflexos da realidade, mas antes instrumentos que constroem e organizam essa realidade”. Assim, as narrativas museais podem ser compreendidas como formas de representação histórica que estruturam visões de mundo e identidades coletivas. Pesavento (2003, p. 15) complementa ao afirmar que a história cultural busca entender “como os homens e mulheres do passado deram sentido ao mundo em que viviam e como representaram essa experiência”. Desse modo, o museu atua como mediador simbólico entre passado e presente, possibilitando que os visitantes reconheçam as interpretações históricas ali construídas e questionem suas ausências e intencionalidades.

Em síntese, o referencial teórico adotado sustenta a compreensão de que o museu é um espaço educativo e político, que comunica e disputa narrativas sobre o passado. Ao ser integrado ao ensino de História, o museu oferece oportunidades para que os estudantes exercitem o pensamento crítico e a leitura histórica das representações, reconhecendo a pluralidade das memórias e os conflitos que as constituem. Essa abordagem reforça a importância da educação museal como prática de formação histórica e cidadã, que estimula o protagonismo dos sujeitos e a reflexão sobre os usos do passado no presente.

Embora os autores aqui mobilizados partilhem a compreensão do museu como espaço de produção simbólica, suas abordagens revelam diferentes ênfases: enquanto Nora e Pollak exploram o caráter seletivo e memorial das narrativas, Chartier e Pesavento enfatizam a dimensão cultural das representações. Já Chagas e Santos destacam o potencial educativo e participativo do museu, abrindo espaço para uma museologia crítica e social. Essa articulação teórica permite compreender a educação museal como prática que interroga o passado, amplia o campo da aprendizagem e tensiona as fronteiras entre o saber acadêmico e o conhecimento popular.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

O retorno dos estudantes evidenciou alto nível de interesse e engajamento nas atividades, revelando que a proposta alcançou o objetivo de despertar uma postura investigativa e crítica diante das narrativas museológicas. Muitos reconheceram o museu não apenas como um espaço de exibição de objetos, mas como um lugar de produção de significados sobre o passado, onde determinadas memórias são valorizadas enquanto outras permanecem invisibilizadas. As falas e registros dos alunos demonstraram que eles conseguiram identificar tanto os personagens e acontecimentos presentes nas exposições quanto as ausências e silenciamentos, indicando apropriação efetiva dos conceitos de memória, narrativa e representação trabalhados em sala. Essa capacidade de leitura crítica reflete o que Freire (1996) define como o “ato de conhecer em diálogo com o mundo”, mostrando uma aprendizagem ativa e significativa.

Além dos ganhos para os estudantes do ensino básico, a atividade mostrou-se igualmente relevante para a formação dos licenciandos participantes do PIBID. O bolsista pôde vivenciar o planejamento, a mediação e a avaliação de uma prática pedagógica inovadora, fortalecendo o elo entre teoria e prática docente. Da mesma forma, os professores, supervisores e coordenadores ampliaram suas perspectivas sobre as potencialidades da educação museal no ensino básico. Essa dimensão formativa reforça a importância de experiências interinstitucionais, nas quais o espaço museal se torna um laboratório pedagógico, no sentido proposto por Meneses (1994, p. 15), para quem “o museu é um espaço de produção de conhecimento histórico”. Assim, a prática contribuiu não apenas para o desenvolvimento do olhar crítico dos alunos, mas também para a consolidação de uma docência mais reflexiva e socialmente engajada.

Em consonância com Santos (2014, p. 33), a atividade buscou “promover o diálogo entre saberes e estimular o visitante a construir sentidos próprios sobre o patrimônio”. Essa perspectiva foi essencial para que os estudantes percebessem o museu como um espaço de múltiplas vozes e interpretações, onde o conhecimento não é apenas transmitido, mas constantemente negociado e reconstruído. A prática também mostrou-se eficaz ao favorecer a circulação de diferentes perspectivas sobre o passado, rompendo com visões lineares e totalizantes.





Nesse sentido, a experiência confirma o potencial da educação museal para democratizar o acesso ao conhecimento histórico e fortalecer processos de formação cidadã, ao permitir que os alunos compreendam-se como sujeitos ativos na produção da memória coletiva. O trabalho também dialoga com o pensamento de Chagas (2003, p. 57), ao compreender o museu como um espaço que “provoca o diálogo e a reflexão sobre a pluralidade e o conflito das memórias”.

O exercício de leitura crítica das exposições possibilitou aos estudantes compreender o caráter interpretativo e político das narrativas históricas, revelando que toda escolha museológica implica uma forma de poder. Como enfatiza o mesmo autor, “o museu não é neutro: é um espaço de poder, onde memórias são selecionadas, narradas e silenciadas” (CHAGAS, 1995, p. 9). Essa reflexão foi essencial para orientar a atividade “Caça à narrativa oculta”, cuja proposta central consistiu em evidenciar as ausências e os sujeitos historicamente marginalizados na narrativa institucional. Assim, o projeto contribuiu para ampliar a consciência histórica dos estudantes e para consolidar uma prática pedagógica comprometida com a crítica às representações hegemônicas do passado. Dessa forma, os resultados indicam que a articulação entre museu e escola pode fortalecer práticas educativas emancipadoras e o ensino crítico de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada confirma a importância da aproximação entre escola e museu como estratégia pedagógica para o ensino de História. Ao trabalhar a educação museal a partir de uma perspectiva crítica, possibilitou-se aos estudantes do ensino médio desenvolver habilidades de leitura histórica e de questionamento das narrativas oficiais. O museu, nesse contexto, deixou de ser percebido apenas como espaço de exposição de objetos e passou a ser compreendido como local de produção e disputa de memórias. Conforme Schmidt e Cainelli (2009, p. 32), “o ensino de História deve contribuir para a formação da consciência histórica, permitindo ao aluno compreender-se no tempo e agir de forma crítica no presente”. Essa compreensão norteou a atividade “Caça à narrativa oculta”, cujo principal objetivo foi despertar nos participantes uma leitura crítica das narrativas expostas no museu e de seus próprios lugares na história.





Além dos impactos no processo de aprendizagem dos estudantes, a prática mostrou-se significativa para a formação docente. Para os pibidianos e docentes envolvidos, a atividade contribuiu para o desenvolvimento de competências profissionais, como o planejamento de ações educativas, a mediação cultural e a avaliação reflexiva. Como observa Fonseca (2003, p. 29), a prática de ensino constitui-se em “um espaço de formação contínua e de reelaboração do saber docente”, permitindo que o futuro professor compreenda sua atuação como mediador entre diferentes formas de conhecimento histórico. Assim, o PIBID se consolida como um espaço de experimentação e construção coletiva de saberes pedagógicos que aproximam a teoria da prática.

Conforme a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), “a educação museal é compreendida como um processo contínuo e permanente, voltado para a construção de valores, conhecimentos e práticas sociais” (BRASIL, 2017, p. 14). Nessa perspectiva, a atividade “Caça à narrativa oculta” dialoga diretamente com os princípios da PNEM ao promover uma aprendizagem participativa e colaborativa, na qual o museu se transforma em ambiente de reflexão e construção de sentidos. Inspirada na concepção freireana de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1996, p. 68), a proposta reafirma a importância da dialogicidade como fundamento da prática educativa.

Dessa forma, o projeto “Caça à narrativa oculta” reafirma que a educação museal, articulada ao ensino de História, é um campo potente para a formação de sujeitos críticos, conscientes e socialmente engajados. Ao integrar a escola, o museu e a universidade, a experiência rompe fronteiras entre os espaços formais e não formais de ensino, demonstrando que a construção do conhecimento histórico é, antes de tudo, um processo coletivo de diálogo, interpretação e ressignificação do passado. Nesse percurso, o PIBID mostra-se essencial como política pública de formação docente, ao permitir que futuros professores experimentem práticas inovadoras e reflexivas que unem teoria, sensibilidade e compromisso social. Assim, ao provocar o olhar dos estudantes sobre as narrativas museais e suas ausências, o projeto também os convida a reconhecer-se como agentes da história e produtores de memória — reafirmando o papel da educação como prática transformadora e emancipatória.





AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Raquel dos Santos Sousa Lima, pela orientação no CAP-Coluni, ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Coluni) pelo apoio institucional, e ao Museu Histórico e à Pinacoteca da UFV, representados pela Michele Micheleti Melo, pela colaboração e acolhimento. Estendo meus agradecimentos aos estudantes e estagiários que contribuíram com o projeto, e que são parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem proposto.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Brasília: CAPES, 2007.)
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Brasília: IBRAM, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. BNCC: Educação Básica. Brasília: MEC, 2018.)
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e museus: caminhos da pesquisa e do ensino. São Paulo: EDUC, 2010.
- CHAGAS, Mário. Museu, memória e poder. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 3, n. 3, p. 7-17, 1995.
- CHAGAS, Mário. Museologia e educação: ensaios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2003.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa em museus: notas sobre a educação museal. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 5-26, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas: Papyrus, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.





HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, São Paulo, n. 2, p. 9-42, 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Educação museal: princípios e práticas. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

